



Os desenhos da exposição *Pontos de Fuga* (2016) pertencem à série *Traços Urbanos* (2014-2016), e de certo modo lembram os códigos de representação da arquitetura: elevações, cortes e perspectivas com seus princípios de construção subvertidos. São tramas de linhas projetadas sobre alguns trabalhos de *Manuscritos* (1999-2002).

Traços que vão se apoiando, uns nos outros, ou que se prolongam, criando cruzamentos no espaço do papel; um emaranhado de linhas que não projeta uma arquitetura realizável, mas a visão de um labirinto de fios que, de alguma maneira, remete à paisagem caótica e desordenada tão própria às grandes cidades em que vivemos.

Quanto ao pano de fundo tomado da série *Manuscritos*, este funciona como uma espécie de testemunho da passagem do tempo: trazendo as manchas, os restos de tinta, os sinais do desacerto que marcam a paisagem urbana contemporânea.

Há uma nostalgia da forma, hoje datada, de apresentação do projeto de arquitetura: do nanquim sobre papel vegetal, dos tempos que antecederam o universo digital e seus programas de desenho virtual.

Apresenta-se, também, à maneira de um comentário irônico sobre a linguagem mais técnica que o caracteriza: no lugar de servir apenas ao exercício de projetar, vê-se na situação de evocar o que foi pretendido e aquilo que de fato resultou. Como se estas cenas imaginárias da cidade voltassem à mesa de trabalho, e fossem novamente submetidas ao desenho que está nas suas origens.